

CAÇADORES DA ALMA - EP: PARIS PHOTO

Maureen Bisilliat

Como a indústria fotográfica era o refúgio de todos os pintores frustrados, desprovidos de talento ou muito preguiçosos para acabar seus estudos, essa moda universal trazia não somente as características da cegueira e da imbecilidade mas trazia também a cor de uma vingança. Em uma conspiração tão estúpida na qual encontramos, como em todas as outras os malvados e os fracassados, possa conseguir de forma absoluta eu não acredito, ou não quero acreditar; mas eu estou convencido que os progressos mal aplicados da fotografia contribuíram e muito, aliás, como todos os progressos puramente materiais, ao empobrecimento do talento artístico francês, já tão raro.

Tornaghi

Essa crônica publicada em 1859 por **Charles Delair**, não o impediu de ser retratado por **Félix Nadar**, o fotógrafo de celebridades de sua época.

A fotografia aflora, imprensada entre o real e o imaginário, entre o clique instantâneo e a representação pictórica, entre o sagrado da fé e o sagrado da criação, entre o improvisado da foto e o consagrado da imagem. Esta é a síntese de caçadores da alma.

A foto pintura que promove a união de duas artes possibilitou o encontro fotográfico entre Silvio Tendler e Chris Marker, que raramente se deixava fotografar.

Este longa-metragem, em série, recupera a antiga linguagem do filme seriado para retratar os encontros que a fotografia promove.

Paris abriga a maior feira de fotografia do mundo, a Paris Photo. A arte renegada por Baudelaire, se transformou uma das mais populares formas de expressão contemporânea.

Isabel Lima, é uma fotógrafa nascida no Brasil e que vive em Milão, na Itália. Apaixonada por arte e fotografia, corre o mundo através de feiras e exposições. Conheci Isabel em uma edição de Paraty em Foco, e ela começou a me convencer que eu tinha que ir à Paris Photo e a Arles. Aqui me apresentou a expositores, marchands e fotógrafos, pelas suas mãos entrei no mundo internacional da arte fotográfica.

Guido Costa

Paris Photo, como você sabe, é a maior feira fotográfica do mundo. Em termos da qualidade dos expositores e de dinheiro envolvido nessa semana de feira, ela é comparável a Art Basel, que é a grande feira de artes contemporânea no mundo.

Nessa feira de artes você pode encontrar o que pode ser considerado o melhor na produção de fotografias antigas, modernas e contemporâneas. E estão representados diversos países, mais ou menos 25. E você pode encontrar todos os grandes mestres da fotografia. Mas também jovens talentos. Então temos uma grande e completa exibição da história da fotografia. Como parte do comitê, meu trabalho é tentar selecionar as galerias ao redor do mundo que têm a melhor qualidade de proposta de artistas e também a melhor seleção de trabalhos para um palco tão importante.

Tornaghi

A Editora Madalena representou o Brasil e tornou-se o ponto de encontro dos fotógrafos brasileiros na Paris Photo.

Julian Sander

Uma das minhas fotos favoritas do Sander mostra um homem negro, um belo homem negro, de chapéu, um trabalhador do circo, sentado ali, como eu estou sentado. Sem medo, nada. Um homem absolutamente normal sentado do lado de uma mulher com uma garrafa de cerveja na mão e usando um belo par de sapatos. Eles estão sentados ao redor de uma mesa, no circo. Isso é 1931. Estamos falando de segregação pesada. Não apenas nos Estados Unidos, mas em todos os lugares. E o que o August Sander faz? Ele coloca essas duas pessoas em uma foto e diz: Esse é o futuro. A única coisa que as pessoas veem em uma fotografia do Sander, geralmente, é o formalismo. Mas se você realmente olhar, por tempo o bastante, você verá muito mais do que o formalismo. Você verá humanidade. Você verá um rosto diferente em todo mundo. Um espírito diferente, uma alma diferente. Está em todos os lugares, em todas as fotos. Ele foi capaz de fazer isso de novo, e de novo, e de novo. Milhares de vezes.

Omar Victor Diop

Eu não diria que, agora, ser africano seja uma fraqueza. Costumava ser, não faz muito tempo. Há cinco anos, seria um desafio. Mas hoje em dia as pessoas estão preparadas para ver criações contemporâneas africanas. Ano passado eu comecei a mostrar aqui no Paris Photo uma série chamada “Diáspora”. É uma série de autorretratos e é a primeira vez que sou o fotógrafo e o modelo, mas tecnicamente, eles são autorretratos mas não são sobre mim. É um trabalho onde celebro a memória dos primeiros exemplos de viajantes africanos e da diáspora africana. É engraçado que quando eles desapareceram, eles também desapareceram dos livros de história. Ninguém mais fala deles. Mesmo na África, eu nunca ouvi falar deles. Eu decidi então que ia achar uma maneira de trazer eles de volta à vida.

Natasha Caruana

O projeto que eu estou apresentando é sobre amor à primeira vista. “Coup de foudre”. Que sou eu buscando respostas para o amor à primeira vista. Se é real ou se não é. E essa série começou quando eu entrei em um pub, um dia, em Londres. Eu entrei, tive esse choque elétrico e conheci esse homem. Meus olhos conheceram esse homem. E eu usei o flash como um choque, representando o momento em que algo é atingido.

Minha série anterior, por exemplo, é chamada “Homens Casados”, que acabou de ser lançada como livro. E nessa série, eu quis ver como a internet e a tecnologia estão mudando os relacionamentos. Então eu comecei a sair com homens casados. E eu saí com 54 homens casados. Tive 80 encontros. E as imagens capturavam algo que de outra maneira não seria visto. Todo mundo tem uma fantasia de como... são os casos extraconjugais, mas ninguém realmente vê como é. Então eu me coloquei na posição de amante e documentei esse momentos. Eu acho que meu objetivo principal como artista é

criar. Eu acho que eu não... Eu não consigo ter um objetivo, apenas acontece. Eu apenas preciso fazer o trabalho e compartilhá-lo com as pessoas.

Cedric Deulsaux

O que conta é o que fazemos na terra e como nos saímos. E o que podemos dizer com esse pequeno aparelho fotográfico. A questão é muito mais profunda e muito maior, É metafísica. E como nós recriamos todo esse mundo com esse pequeno aparelho, com um pequeno clique. Nós só percebemos do real a ficção que nós fazemos dele. Então, não é um aqui e outro ali, é um tipo de mistura, é um entrelaçamento. E o real é feito da soma da nossa percepção, da soma da ficção que nós fazemos dele. E isso é extraordinário. O trabalho sobre Star Wars é um dispositivo de ficcionalização do real que é particularmente visível e evidente. Ela salta aos olhos. Tem pessoas que defendem um tipo de fotografia direta, que imediatamente me criticaram. Que me disseram que isso não é fotografia. A fotografia não é isso. Você não conta nada de real. É ruim, baixo, cocô, não é bonito.

Stephane Duroy

Eu não posso aceitar qualquer trabalho. Eu só quero fazer o que eu quero. Na minha direção. Isso é muito importante para mim. Sou muito direto quando escolho minhas fotos. E eu faço muito poucas fotos, sempre. É a minha forma de trabalhar. Se você falar sobre civilização, eu acho que esse século foi algo enorme para destruir um tipo de filosofia sobre o ser humano, sobre a qualidade dessa ou daquela cultura, sobre o humanismo.

A questão é sempre tentar descobrir por que os seres humanos se tornaram esses monstros. É uma grande questão e é a minha questão. Grande parte do meu trabalho se trata dessa questão.

Estar em Berlim, para mim, por tantos anos, é muito importante para sentir a cidade de Berlim, porque a cidade de Berlim sofreu cada grande tragédia do século XX. Esse é um grande símbolo da Primeira Guerra Mundial. Essa estátua foi colocada no meio do front, de uma batalha muito sangrenta entre alemães e franceses, numa grande floresta. Esta daqui tem um grande significado. Representa a deportação e também o fim da guerra, quando o exército alemão foi derrotado em Stalingrado. Então de certa forma, você tem todas essas pobres pessoas que estão indo para Auschwitz, e do outro lado... Foi uma tragédia tão grande. Então, essa imagem é para evocar isso.

Quando o muro caiu, por sorte, eu estava em Berlim. Então, eu fiz fotos, mas isso não estava na minha programação. Eu fui muito sortudo. Isso é História.

Tornaghi

Estava filmando em Paris, quando houve o atentado que matou 89 pessoas na boate Bataclan e 31 em dois outros atentados. Paris Photo fechou suas portas antecipadamente, as entrevistas que faríamos no salão foram canceladas. Fomos então buscar novos fotógrafos em Paris e em Berlim. A fotografia se expande entre eros e thanatos, guerra e paz, amor e morte.

Uma Paris intimidada pela violência de um atentado que deixou tantos mortos, fomos buscar outros fotógrafos para serem entrevistados. Começamos por Diamantino Quintas a laboratorista dos grandes fotógrafos contemporâneos.

Diamantino Quintas

O meu trabalho é um trabalho... tradicional, um trabalho de laboratório tradicional. Todas as ampliações são feitas manualmente, com papel sensível, à luz, com papel analógico. O único material que eu utilizo são os ampliadores não utilizo computador nenhum. Eu faço tiragens a cor e preto e branco. Todos os tipos de formatos: pequenos, muito grandes... E trabalho essencialmente para fotógrafos autorais e para artistas.

Atenção aos olhos. A ação do fixador foi queimar todos os sais de prata, para que eles deixem de ser sensíveis à luz. A partir daí, se acendêssemos antes da ação do fixador, o papel ficaria preto em alguns segundos. E o fixador é o que vai tirar toda a sensibilidade aos sais de prata que não foram estimulados pela luz durante a exposição.

No fundo, tenho a possibilidade de a minha profissão, no meu saber fazer, na minha experiência na minha paixão ao serviço dos fotógrafos. E aí se cria uma relação de criação conjunta e, digamos que, todo esse prazer está no fato de eu poder estar no coração da criação.

Thomas Gosset

Honestamente é difícil falar do processo, sabe? Isso não é muito interessante. Você diz: "faço isso com isso, misturo isso com aquilo..." sei lá mais o quê ! Porra, eu não ligo ! O mais importante é o que você vê. São as pessoas que também fazem a foto, sabe? Eu só faço 50% da foto. Se eu achar algo dentro dela depois, que bom.

Frederic Fontenoy

O erotismo foi muito importante para o surrealismo. Eu misturo tudo isso. Eu tento ser muito livre com a representação do corpo. Eu uso casacos, salto-alto, coisas muito simples. Na posição das meninas eu quero muita energia. Eu peço a elas muita energia. Meu trabalho é técnico, a luz é bem retrô, mas acho que a energia das pessoas na foto é muito verdadeira. No começo achei que ia tocar muita pouca gente mas fiquei surpreso de ver tocar mais pessoas do que achava. E fiquei feliz que as mulheres gostaram do meu trabalho.

Não é... um trabalho machista. De nenhum jeito. Porque algumas pessoas podem achar isso mas eles não enxergam meu trabalho. Eles pensam com a mente isso, mas não enxergam. Se eles virem mais, eles vão ver que não é machista. Tem muito humor no trabalho e visão de autor então tem muitas coisas. É fácil ver só assim.

Tornaghi

Fomos à casa de Fouad Elkhoury, um franco libanês que integra fotografia com memória, história e poesia. Registrou nos anos 80 a saída dos refugiados palestinos do Líbano sob o comando de Yasser Arafat. Nesta viagem capturou imagens pouco protocolares do líder palestino.

Fouad Elkhoury

Em 1982, o exército israelense, que era muito mais poderoso, invade o Líbano. E, supostamente, eles vão tentar matar o Arafat, que estava em Beirute. Nós fomos até o porto, nós subimos no barco. O barco se chamava Atlantis. E nós esperamos até que o barco partisse. Logo antes de o barco partir, talvez meia hora antes, o próprio Arafat subiu. Nós ficamos surpresos. Eu não entendi nada. Eu não entendia como um jovem fotógrafo, pouco conhecido, seu irmão, e um amigo deles, conseguiram subir no barco de Arafat. Eu nunca entendi.

Em 2002, eu fiquei gravemente doente. Estava com câncer. E quando eu já não podia mais, paradoxalmente, foi o ano mais belo da minha vida. Um dia, meu pai me trouxe uma câmera, porque ele não sabia como expressar sua dor e sua tristeza. Ele me trouxe uma câmera Sony. Eu havia feito um tour na Turquia tirando fotos. E eu enviei para uma amiga chamada Francine, e-mails feito cartas.

- Há muitos espelhos na Turquia.
- E nas minhas fotos ?
- E nas suas fotos.
- Se eu tivesse te levado onde eu estava, você teria adorado.
- Não sei por que eu estava reticente em relação à Turquia.
- Eu adoro fotografia à noite. Dá uma outra ambiência.
- É bonita também. Dir-se-ia que as árvores são espinhosas e ... Uau, é um homem ?
- É um homem pequeno.

Eu lhe contava tudo que se passava na minha vida. E ela, por um ano e meio, recebeu meus e-mails, um depois do outro. Quando eu fiquei doente, ela veio me visitar. E ela me disse: “E as fotos?”. Eu disse: “Francine, eu estou muito doente para as fotos.”. Ela me disse: “ Mas eu preciso vê-las.” “ Eu preciso ver as imagens daquilo que você me contou.”. Eu disse: ‘eu até perdi os e-mails.’ E ela disse: ‘amanhã de manhã, eu os envio para você’. Ela me enviou os e-mails. Eu tinha essa câmera. Quando eu saí, eu filmei as fotos, e eu ditei o texto. Eu lia os e-mails e filmava a foto ou as fotos. Só para a Francine. Era para a Francine. Mas, às vezes, eu estava tão mal que a câmera caía. Caía da minha mão, e eu adormecia. Mas ela não desligava. E então, nesses instante, todas as conversas que se passavam aqui na sala ela gravava.

- Então, escuta, você vai se curar, e nós vamos cuidar de (a casa de) Var, e você terá uma casa para sua recuperação. Eu queria uma casa vermelha, de pedra ...

Essas suas tramas colidiram para produzir um filme que se chama “ Cartas à Francine”.

Trecho do filme

Eu cheguei ontem a Istambul. O medo de antes da partida acabou. No aeroporto, o motorista de táxi arrancou como um furacão sem me perguntar aonde eu ia. Isso me foi conveniente, já que eu não sabia o que dizer a ele.

Tornaghi

De Paris seguimos para Berlim onde íamos encontrar fotógrafos que montaram a agência (?), Rosa dos ventos. Para quem viveu na RDA em um universo enclausurado, o nome da agência remete a busca por caminhos que levem a todas as direções .

Linn Schroeder

O que eu faço é sempre uma procura e eu olho dentro da realidade como a fotografia documental. Às vezes, eu começo a andar pelas ruas e vejo o que estou interessada em ver. Mas no fim, quando estou editando as fotos ou olhando pra elas, eu tento achar as fotos que não são apenas a realidade. Mas que parecem ser encenadas. Para mim, é importante que você não tenha certeza, à primeira vista, de que tipo de foto se trata. De modo que as fotos funcionem como um texto ou um romance. Eu tento construir histórias com fotos então, é por isso que elas podem te dizer muito mas de uma forma diferente que as palavras. E pode ser de forma profunda se a foto for forte. O “ Auto-retrato com gêmeos e um seio “ foi um trabalho com apenas uma foto onde você vê o meu corpo e os gêmeos recém nascido nos meus braços. E eu fiz para a exposição sobre fronteiras. E eu tentei trazer duas experiências de fronteira em uma foto. Uma delas foi o começo da vida, o nascimento dos meus gêmeos, e a outra foi porque tive câncer de mama e perdi um seio, então eu estava realmente em confronto com a morte.

Tornaghi

As marcas da antiga República Democrática Alemã permanecem como rastro de um país que não existe mais. A RDA virou um souvenir para turistas. As verdadeiras imagens de Berlim Oriental sobrevivem nas fotografia de Harald Hauswald.

Harald Hauswald

Eu fotografo como sempre, analogicamente. Eu aprendi assim e isso passou para meu sangue e alma. Já faço assim há 40 anos, não vejo porque deveria mudar.

Essa é a grande manifestação do dia 4 de novembro em Berlim, em Alexanderplatz. Não se sabe ao certo, algumas pessoas falam de 500 mil outros falam de até um milhão de pessoas, que foram às ruas. Isso ocorreu 5 dias antes da queda do muro. Este é um exemplo de foto da controvérsia política. Nós tínhamos apenas marcas de carro como Trabant e os governantes dirigiam Volvos suecos. Este é o comboio do presidente Hannecker, ou seja, dos governantes, que seguia o protocolo de passar pelas ruas principais, subindo de kreiswalderstrasse.

Eu não podia publicar minhas fotos na Alemanha Oriental, porque eram críticas em relação ao regime. Por isso publicava somente na Alemanha Ocidental.

Bom, os temas políticos foram praticamente cessando. Mas as pessoas continuam a me interessar.

Tornaghi

A câmera fotográfica é para mim a porta de entrada para o mundo - Harald Hauswald - .